Proletários de todos os países, uni-vos!

# A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 136  Maio de 1979 ANO XV

## AS VERDADEIRAS INTENÇÕES DO GOVERNO

NESTE NÚMERO



O governo Figueiredo parece apoiar sua política reacionária no velho adágio popular: "As aparências enganam." Ele se esforça juntamente com sua equipe de politiqueiros, chefiada por Golbery, para criar a aparência de que a democratização do país está em marcha. Sabe que é uma farsa, todavia com possibilidades de enganar. Vai assim ganhando tempo, acionando adesistas e conciliadores para garantir a continuidade do regime. Emprega o duplo método: de uma parte ameaça endurecer o sistema e recorre frequentemente à repressão; de outra parte acena com projetos de abertura política, habilmente camuflados de democráticos. Nestas últimas semanas, por intermédio do Ministro da Educação, o governo anunciou o fim dos decretos de exceção números 477 e 228. Através do Ministro do Trabalho, encaminhou ao Congresso uma reformulação da Consolidação das Leis Trabalhistas. O Ministro da Justiça afirmou que a Anistia está em fase de ultimação. E o governo da Bahia, antigo pau-mandado dos generais, declarou permitir à realização do Congresso da União Nacional dos Estudantes - UNE, em Salvador.

Não seria tudo isto indicação de que o governo se inclina para a democracia e cumpre suas promessas? Em verdade ele fica apenas nas aparências. A nova regulamentação da atividade estudantil, que acompanha o projeto de extinção do 477 e 228, segue o mesmo roteiro, sob outros rótulos, traçado pela ditadura. Os estudantes são proibidos de realizar manifestações políticas; suas organizações não podem ir além de pronunciamentos estritamente ligados ao ensino e a questões universitárias. A UNE admitida pelo governo teria somente o mesmo nome, privada porém de suas atribuições anteriores. Também as modificações introduzidas na legislação trabalhista, pouquíssimo alteram o controle dos sindicatos pelo Ministério do Trabalho; negam a liberdade sindical tão reclamada

pelos trabalhadores; a intervenção nos sindicatos não é suprimida, passa simplesmente a esfera da justiça federal; mantém-se em vigor as restrições drásticas ao direito de greve e às negociações salariais diretas entre empregados e empregadores, assim como a ausência de autonomia sindical. Quanto à anistia, além de excluir destacados combatentes da luta anti-ditatorial, coloca os beneficiados sob a ameaça de enquadramento na Lei de Segurança.

Estes fatos revelam as verdadeiras intenções do governo. Pretextando abolir os atos de arbítrio e ir ao encontro das aspirações nacionais, na realidade busca apenas adaptar a legislação de excessão ao novo modêlo 'constitucional' vigorante, após as reformas promovidas por Geisel. Não é a democratização o que Figueiredo persegue, mas a institucionalização de um regime retrógrado, escorado na Carta outorgada de 1967-69, seguindo o figurino autoritário. Todas as medidas propostas limitam as liberdades democráticas; voltam-se em particular contra os elementos que não transigem com a reação. Porisso, Figueiredo insiste tanto na afirmação de que o governo não pode dispensar a Lei de Segurança, as salvaguardas do Estado e outros instrumentos repressivos. Seu objetivo maior no momento atual é dividir e enfraquecer a oposição que se tornou poderosa defendendo bandeiras democráticas, enquanto os generais isolavam-se, reduziam cada vez mais suas bases de apoio social e político. Particularmente depois que a classe operária entrou na liça através de grandes greves, reclamando melhores condições de vida e liberdades, ficou claro que a correlação de forças inclinava-se decisivamente para o lado dos opositores do sistema arbitrário. Daí o empenho do governo em solapar e desarticular a oposição. Daí também suas manobras enganosas de abertura política, os projetos de supressão dos atuais partidos políticos e de criação de outras organizações partidárias obedece àquele esquema. Na aparência, trata-se de medida democrática, uma vez que os brasileiros aspiram a organizar seus próprios partidos, definindo claramente as tendências de cada classe, grupo ou setor social. Na realidade, porém, não é assim que pensa o governo. Figueiredo não está disposto a conceder ao povo o direito de livre organização. Quer tão somente desbaratar o núcleo oposicionista agrupado na legenda do MDB e simultaneamente bitolar a criação de tres ou quatro partidos, mantendo majoritário o que garante o apoio total ao governo. Deste modo, ao invés de dois, teríamos tres ou quatro partidos , submetidos a uma legislação restritiva e anti-democrática.

"As aparências enganam", é verdade. Mas enganam antes de tudo os tôlos, os ingênuos ou aqueles que por conveniência fingem deixar-se enganar. O povo brasileiro sabe distinguir muito bem o verdadeiro do falso. Já está acostumado com as artimanhas dos generais, dos políticos reacionários, das classes dominantes. Não crêem em sofismas, nem aceitam o jogo sujo dos conciliadores, sempre prontos a justificar seu apoio aos governantes. Apresta-se , portanto, para levar adiante o combate sem tréguas visando à derrubada do regime arbitrário. Os estudantes que alcançaram uma grande vitória em sua luta

pela reconstituição da UNE, não se submeterão às imposições oficiais..A UNE ' voltará a ser uma organização democrática e combativa da grande massa de jovens que estuda e também trabalha. Eles tem pleno direito e até mesmo o dever de expressar suas opiniões e participar ativamente, organizados em suas entidades, da vida política nacional. Os operários já manifestaram o seu repúdio' aos remendos de Figueiredo na CLT e sua decisão de prosseguir, em palavras e' atos, a luta pela liberdade sindical, por melhores salários, por um regime ' efetivamente democrático. Os camponeses resistem aos grileiros e exigem a reforma agrária. Os democratas continuam sustentando a união das oposições e batendo-se para forjar o instrumento unitário das correntes oposicionistas - uma ampla frente nacional e democrática. Erguem-se os patriotas contra a espoliação do país pelo capital estrangeiro, em defesa da Amazonia. Os generais estão em dificuldades. Vacilam entre a repressão aberta e em larga escala, eaas formas pseudo constitucionais de vida política. Suas opções, porém, são bastante precárias. Eles estão desgastados por 15 anos de poder despótico, antinacional e antipopular. Sob o governo das Forças Armadas o país engolfou-se numa crise' sem precedentes e foram cometidos crimes monstruosos contra patriotas e democratas. A maioria da nação não quer saber de governo militar. O povo brasileiro elevou sua consciência política. Vem conquistando na prática seus direitos e suas liberdades; não está disposto a retroceder ou a aceitar a institucionalização reacionária. Há de intensificar o desmascaramento do regime do governo Figueiredo! Há de bater-se pela conquista da liberdade política a mais completa possível, pela convocação por um governo democrático provisário de uma' constituinte livremente leita! A vitória do povo pode estar mais perto do que muitos pensam !

____________ // ______ // ____________

## AMPLIAÇÃO E REFORÇAMENTO DO MOVIMENTO GREVISTA

As greves e demonstrações operárias que se sucedem no país são acontecimentos da maior importância. No curso deste mês, além da magnífica comemoração independente do 1º de Maio, em São Paulo, que congregou 150 mil trabalhadores, verificou-se a grande assembléia dos metalúrgicos do ABC, para decidir acêrca da solução de suas exigências, formuladas durante o movimento grevista de março. Em seguida, ocorreu a greve dos motoristas de ônibus da capital paulista, que paralisou a vida da cidade. Em Brasília, 11 mil professores apelaram igualmente para esta forma de luta, após verem recusados seus pedidos de melhores vencimentos.

Os militares e os reacionários de toda espécie falam das greves em têrmos de "bagunça", "desordem", "subversão", etc. As greves, porém, ' são movimentos justos de reivindicações sentidas. Constituem na situação presente a única forma de os assalariados obterem a satisfação de seus direitos'

vitais. O motivo das greves está na brutal carestia de vida, na inflação que' ultrapassa já a taxa de 50%, na desenfreada exploração dos trabalhadores; é o resultado de uma política econômico-financeira centrada nos interesses das multinacionais e de um punhado de banqueiros e grupos monopolistas da grande burguesia; é uma consequência direta do famoso "modêlo de desenvolvimento" aplicado pela ditadura, que vai tornando o país cada vez mais espoliado e dependente do capital estrangeiro.

O governo de Figueiredo, como antes o de Geisel, finge não ' ver a causa verdadeira da inflação e das tensões sociais. Pretende atirar o pêso das dificuldades que o Brasil atravessa, sobre as costas dos trabalhadores e do povo. Seu plano de combate a inflação, visa corrigir efeitos; não vai às causas do tremendo desajuste da economia nacional. E essa correção se faz' em benefício dos ricos e exploradores, salvaguardado o lucro elevado do setor financeiro, o ganho desmedido das empresas estrangeiras, que exploram selvagemente a mão-de-obra nativa. Nenhuma medida oficial afeta por pouco que seja , os grandes e os poderosos; todas elas voltam-se contra os que vivem de salários e vencimentos.

Dizer que o aumento salarial produz inflação é estupidez tão grande, quanto afirmar ser a roda o que gera o movimento. São pretextos para' justificar a exploração, tal como na época do "milagre" era a afirmação de que primeiro se devia deixar o "bolo" crescer para depois dividí-lo; o "bolo" cresceu e a parte que coube aos trabalhadores foi o arrocho e mais arrocho.

Mostrando o que é realmente - um govrno de reação e inimigo do povo - Figueiredo responde à luta dos trabalhadores com a repressão policial militar: intervém nos sindicatos mais combativos; demite grevistas; prende às centenas, não somente paredistas como populares que se solidarizam com' movimento operário; manda aplicar contra os grevistas a Lei de Segurança . O substituto do coronel fascista Erasmo Dias, declara sem rodeios: "Chegamos' a um ponto em que a polícia de São Paulo vai ter que intervir violentamente." E assim sucedeu. Nos dois primeiros dias de greve dos motoristas de ônibus, ' mais de 200 pessoas foram detidas. O local de reunião dos grevistas foi cercado por um choque da polícia militar, com 150 soldados armados de metralhadoras, cães, cavalos e um carro do corpo de bombeiros. Contra os metalúrgicos, às vésperas de sua dedisão final da tendência salarial com os patrões, o governo empregou a chantagem e a pressão descarada sobre a liderança sindical e as massas. Ameaçou endurecer o regime, aplicar as medidas de emergência, constantes das reformas constitucionais de Geisel, isto é, o estado de sítio localizado.

O governo militar teme em não abrir mão do plano anti-inflacionário de Simonsen, plano que tem como eixo impedir qualquer aumento sala-' rial, fora dos minguados níveis estabelecidos oficialmente. Mas, os trabalhadores, sempre mais espoliados, não estão dispostos a se conformar com semelhante medida de extorsão. Recorrem à greve, sua arma comprovada de combate. Em '

consequência, a luta entre patrões e operários, e entre estes e o governo, tende a acirrar-se; é inevitável. Nesta luta, em certas circunstâncias, os grevistas podem recuar momentâneamente, chegar a um acôrdo pouco vantajoso, manobrar face a uma correlação de forças desfavorável. Contudo, jamais podem ceder suas posições, dobrar-se ante as ameaças e chantagens dos empregadores e de Figueiredo-Simonsen.

O movimento grevista, às vezes reflui, para preparar-se melhor e voltar a carga com maior força ainda. Isto porque, o proletariado não tem outra saida, ou luta ou se deixa explorar ferozmente. E para se tornar vitoriosa, a luta tem de tomar formas mais decididas. Da greve de um setor, os trabalhadores tem que passar à greve conjunta de várias setores e criar as condições para alcançar a greve geral. Os patrões são relativamente fortes' ante um movimento grevista limitado. Mostram-se porém debeis e são obrigados a ceder, diante de uma luta que atinja globalmente a produção. Esta é a experiência histórica do movimento operário, no mundo e também no Brasil.

Não tem razão os que afirmam: "Em vez da greve geral é preferível a greve programada por emprêsa, por setor, dividindo sempre e nunca ' unundo os empregadores." Tal ponto de vista concorda em certa medida, com o do governo, temeroso de uma ação de envergadura da classe operária, que ele considera inclusive, ameaça ao regime.

Os patrões estão sempre unidos contra os trabalhadores, quer' haja greve na sua emprêsa, como na de seus iguais. Fracionado, o proletariado tem menos força. Sem dúvida também a greve por emprêsa ou por setor é necessária, mas não substitui a greve geral, como forma mais alta e eficiente de luta. Quando todas as fábricas param, o jeito é atender às reivindicaçõws. Por sua vez, as greves precisam tomar caráter abertamente político. Nas condiçõws do Brasil, o pmoletariado não luta só contra os empregadores, mais ' antes de tudo contra o patrão-mor, o governo. Este centraliza os interesses dos donos do capital, dita a política de salários, controla e submete os sindicatos, emprega a repressão, tolhe a liberdade dos trabalhadores e do povo; chega mesmo a usar a pressão direta sobre aqueles empregadores que se mostram dispostos a ceder, ameaçando-os de represálias finanêeiras. Mau se levantam para reclamar seus direitos, os proletários tem diante de sí o Ministro do Trabalho, o Ministro da Economia, a polícia, as leis anti-greve e de Segurança Nacional, toda a máquina repressiva do Estado. Porisso, não basta exigir aumento de salários; é preciso reclamar o fim do regime do arrocho , a liquidação das leis e atos arbitrários, como a Lei de Segurança e a anti-greve, uma Assembléia Constituinte livremente eleita, a escolha dos governantes pelo sufrágio universal, a completa extinção da ditadura.

A greve política é a maneira de elevar o nível das lutas do proletariado por seus direitos e de colocar a classe operária à frente de todo o povo, no grande combate que se trava no país, pela conquista da liberdade po

lítica, a mais ampla. Somente com um novo governo e um novo regime, surgem as condições propícias à satisfação das reivindicações operárias e a elevação dos trabalhadores a um plano mais alto de sólidas conquistas sociais. Na greve política, a força dos combatentes proletários se multiplica porque se somam à das grandes massas populares descontentes, em oposição ao governo atual.

As greves podem e devem passar a um novo estágio. O proletariado já deu grandes passos adiante: reconquistou na marra o direito de parar para reclamar seus direitos; rompeu a barreira do escalonamento oficial de salários. Mas se as greves não avançam mais ainda, se não se ampliam e elevam seu nível de combate, se não adquirem características nitidamente políticas, tendem a se desgastar, a patinar no mesmo lugar, a perder o impulso da arrancada inicial. Isto significa que a preparação, hoje, das lutas operárias, exige mais do que nunca o esclarecimento dos trabalhadores sobre a importância da ampliação e do reforçamento das greves e sobre a necessidade de sua vinculação com as reivindicações políticas; exige o desmascaramento do governo, governo dos generais reacionários, dos Simonsen, dos Maluf, das multinacionais, da inflação e da carestia de vida, governo dos ricos contra os pobres, dos exploradores contra os explorados.

A greve é uma grande arma de luta e de unidade, uma afirmação do poderio do proletariado, uma manifestação do seu inconformismo com a exploração capitalista, uma escola de luta de classes que abre a perspectiva de uma nova vida.

——— // ——— // ———

## IMPORTANTES FATÔRES DA ATIVIDADE PARTIDÁRIA

Em suas investigações sobre a luta de classes, os mestres da teoria revolucionária marxista-leninista concluiram pela necessidade do Partido do Proletariado, como indispensável à classe operária e às demais massas trabalhadoras em seus embates contra o capital, pelo socialismo e o comunismo. Dirigir a revolução emancipadora dos oprimidos - eis a questão central para o Partido Proletário.

A revolução não é algo abstrato, de distante consumação, mas um fenômeno real com suas leis próprias. Em nosso país, as condições objetivas da etapa nacional e democrática da revolução, estão colocadas na ordem do dia e as condições subjetivas amadurecem permanente e rapidamente. Hoje, nesse caso, capacitar cada vez mais o fator número um desse processo - o nosso Partido - afim de que seja aproveitado, como deve, o momento de transição vivido pelo país, o inevitável aprofundamento das contradições sociais e o crescente descontentamento de nossa gente, disposta a dar sua contribuição na luta contra a ditadura, pela emancipação nacional e social. Assim, estabeleceremos o necessário entrelaçamento das condições para a materialização de potentes, am

plas e definitivas ações revolucionárias.

A atividade do Partido é multifacética, compreende um conjunto de tarefas fundamentais, que invariavelmente exigem realização harmoniosa, como condição chave para a preparação, o desencadeamento e triunfo da revolução. Além de questões imperativas, como a composição proletária de suas fileiras e a conjugação da prática com o estudo teórico, o Partido Proletário tem diante de sí a estrutura orgânica, como elemento essencial para a sua ação revolucionária. Neste particular é de destacar o significado das organizações de base, núcleo desta estruturação. Ora, se partirmos da importância que as células desempenham no organismo partidário, não será difícil compreender que sua propagação, particularmente nos centros nevrálgicos da luta de classes, contribui diretamente para o fortalecimento do Partido. Quanto mais as células se reproduzem nestes centros, maiores serão as possibilidades de o Partido vincular-se às massas e de mobilizá-las para a luta contra a reação. As iniciativas para alcançar este objetivo, devem ser muitas e adaptadas às condições disponíveis, de forma que todo o esforço seja convergido, para a implantação da organização de base do Partido nessa ou naquela frente. Todavia, não basta que se estruturem organizações de base. Elas assumem a grande dimensão que devem ter como centro de gravidade da atividade revolucionária do Partido, quando o seu funcionamento é dinâmico, entusiasta, sem o báfio da rotina; quando operam como organismos vivos, onde se discutem e enriquece as orientações partidárias, atinando para a sua aplicação concreta; quando cada militante procura materializar esta compreensão ao preparar as reuniões, ao debater com interesse e manifestar seus pontos de vista sobre esta ou aquela questão, criando assim melhores condições para adoção de resoluções acertadas, que estimulem a atividade revolucionária. Se a isso acrestarmos fatôres igualmente indispensáveis, como a disciplina proletária e a rigorosa compartimentação, então passamos a dispor de um Partido verdadeiramente atuante, à altura do que a realidade reclama insistentemente.

## - Vinculação Com as Massas, Fator Decisivo -

O aspecto para a ação revolucionária do Partido é a sua vinculação com as massas. A experiência de nosso Partido demonstra ser indispensável integrar a organização de vanguarda proletária com sua classe e com as demais massas dos explorados, conquistar sua confiança, esclarecê-las sem descanso, impulsionar sua mobilização, enfim, levá-las a fazer sua própria experiência, na luta por transformações sociais radicais.

O estabelecimento desse vínculo vai se tornando premente, quando a evolução da crise do capitalismo aguça sobremaneira as contradições da sociedade de classes e a política reacionária dos militares confere uma maior dimesnão aos problemas agudos enfrentados pelo povo brasileiro. Os generais no poder e a reação em geral assemelham-se a um trapezista temeroso de despencar no solo; debatem-se numa crise político-institucional profunda, melhor eviden

ciada em suas manobras pretensamente reformistas; são enormes os obstáculos para governar como antes e seu dilema é notório entre promover tímidas alterações e o maior desenlaçe do movimento popular, coisa aliás que não poderá ser evitada.

As organizações de massas são importante componente para a vinculação do Partido com sua classe e seus aliados. Desprezar isso equivaleria ao mais estúpido sectarismo, ao vanguardismo inconsequente. Essas organizações são como canais através dos quais o Partido faz chegar suas orientações às massas, conhece suas opiniões e mobiliza-as. Quando bem dirigidas, as organizações de massas podem congregar amplas parcelas do povo e acioná-las na luta contra a reação, por direitos políticos e econômicos. Porisso mesmo, procuramos não só intensificar a atuação nas mais variadas entidades frequentadas pelas massas, como criar organizações entre os trabalhadores, a juventude, as mulheres, os intelectuais, etc., empenhando-se sempre em garantir sua direção. Naturalmente, cada caso deve ser estudado em suas particularidades, identificadas as aspirações e tradições de luta do setor, afim de que o raio de ação da entidade se estenda ao máximo. Mas, a vinculação do Partido com as massas só é completa se conduzir a ações políticas consequentes, mesmo quando ainda não há uma típica situação revolucionária. O determinante é que o descontentamento cresce dia a dia e está se manifestando nas mais variadas formas de protesto, demandando alternativas concretas. Essa vinculação é uma premissa indispensável e mesmo inerente à missão de um Partido Leninista como o nosso, que o fortalece e o diferencia dos diversos tipos de reformistas e aventureiristas.

Ao movimentarem-se com resolução e intervirem conscientemente na luta de classes, as massas superam os inúmeros obstáculos fabricados pela reação e compreendem, na prática, o valor de sua imensa força, mil vezes superior à dos inimigos. Esta é a lógica materialista da revolução, isto é o que estamos assistindo em nosso país. Detectar este desdobramento é indispensável para a realização de ações revolucionárias, que forjam os milhões de brasileiros, lutadores do progresso e da democracia, que devem convergir para os confrontos radicais pela liquidação da velha ordem social. Nesse caso os militantes marxistas-leninistas não partem de desejos pessoais. Procuram sentir o pulsar das massas; trabalham dia e noite para arrancá-las da dispersão e impulsionar suas ações, imprimindo-lhes um grau sempre mais elevado; cuidam outrossim, de dar exemplos com sua dedicação revolucionária, com sua disposição de empreender ações ousadas e de colocarem-se à frente das massas nos choques conbativos.

Há ainda outro elemento que muito contribui para a vinculação do Partido com as massas: a correta combinação entre a organização e a atividade legais e as clandestinas. A prática consciente de nosso Partido e em geral do movimento operário internacional, acumulou muita experiência nesse campo, com resultados positivos. Desde que o Partido não se afaste dos prin

cípios doutrinários básicos que norteiam sua ação, não há porque manter-se na cerrada clandestinidade e ignorar as oportunidades criadas no decurso da luta de classes. Ele as aproveita para ampliar a sua ação, reforçar seus vínculos com as massas, difundir suas opiniões e o seu programa revolucionário. Por outro lado, é imprescindível o empenho no desmascaramento dos limites estreitos da democracia burguesa e sua hipocrisia, combinando para tanto a propaganda partidária criativa, com o mais vasto combate dos trabalhadores pela liberdade plena, assegurada a partir da liquidação do regime de opressão. Semelhante postura não implica, em nenhum caso, que o Partido rebaixe a vigilância, secundarizando sua atividade e organização clandestinas. Muito ao contrário, estas devem ser reforçadas, por garantirem em última instância, a realização da missão revolucionária do Partido.

A questão das alianças e das frentes deve ser vista por este prisma, ou seja, pela ótica dos interesses do proletariado, à serviço da revolução. Neste particular, vale lembrar mais uma vez o quanto é necessário erradicar o esquematismo, o sectarismo e o espontaneísmo, tão incompatíveis com a dialética do desenvolvimento da luta de classes. É do próprio interior dessa realidade, complexa sem dúvida, que surgem muitos elementos favoráveis à articulação de alianças, por vezes temporárias, o que ensejam a estruturação de uma frente-única com outras forças. Nesse domínio o Partido da classe operária define e procura garantir, antes de mais nada, o que é permanente na esfera das alianças, para uma dada etapa da revolução, voltando-se para o campesinato, sem descuidar de outras camadas sociais, como a pequena-nurguesia revolucionária e a intelectualidade progressista. É possível, em determinadas circunstâncias, que o desdobramento das contradições na sociedade, amplie o leque de forças opositoras, inclusive como resultado do desligamento de um ou outro setor do esquema de sustentação do poder reacionário. A história recente de nosso país registra diversos momentos de fricções inter-frações burguesas, pela defesa de interesses econômico-políticos próprios, alguns dos quais impossíveis de serem compatibilizados com a fração hegemônica. Desmembramentos desta natureza tem um caráter conjuntural, mas não é porisso que o Partido vai desprezá-los, deixando de tornar mais elástica a frente e desperdiçando oportunidades de golpear os segmentos majoritários do poder. Interessa em qualquer circunstância, preservar a independência e a direção do Partido no processo revolucionário, o que de maneira nenhuma, fica comprometido com uma política de alargamento das brechas. São circunstâncias que possibilitam lançar as massas na luta e debilitar ao máximo, e até o fim, os inimigos mais imediatos.

A atividade dos comunistas converge inevitavelmente para a revolução. Quanto mais forte fôr o Partido ideológica, política e organizativamente, maiores serão as possibilidades efetivas de ele conduzir consequentemente os movimento contestatórios espontâneos do povo brasileiro, de despertá-lo para ações combativas. Assim sendo, envidemos esforços na máxima dinamização da atividade revolucionária de nosso Partido, firmando-o como autêntica vanguarda proletária que é, da revolução brasileira.

// ——————— // ———————

Trechos da Resolução do V Pleno do Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha Marxista-Leninista, publicada no número 4 de 1978, de seu órgão teórico Der Weg Der Parteid. O documento de sentido auto-crítico, traz uma contribuição ao debate sobre esse assunto que se desenvolve entre os marxistas-leninistas de todo o mundo:

## "O PARTIDO COMUNISTA DA ALEMANHA M-L, NA LUTA CONTRA O MAOISMO"

### - Opinião Crítica e Auto-Crítica -

"Desde a fundação de nosso Partido aceitamos sem exame crítico a concepção propagada pela direção chinesa, segundo a qual, Mao Tsé Tung seria um clássico do Marxismo-Leninismo e seu pensamento um desenvolvimento criador do Marxismo-Leninismo. Fizemos nossa, temporariamente, a opinião exprimida pelo PC da China, de que esse pensamento seria o Marxismo-Leninismo de nossa época. Em consequência, Mao Tsétung foi não somente propagado como um clássico pelo nosso Partido. Adotamos também uma série de concepções anti marxistas, anti-bolchevistas de Mao, como base de nosso trabalho e da nossa luta, da construção do Partido, do nosso estilo de direção e da atividade interna do Partido. Assim, uma apreciação aprofundada e séria, baseada no Marxismo-Leninismo, da obra de Mao Tsétung, constitui um dever de enorme significação para o nosso Partido e seus militantes. Não apenas porque, sem uma tal apreciação, seria ineficaz a luta contra os atuais dirigentes revisionistas da China, mas também, para elevar o nível ideológico e político do Partido, e de suas organizações, para descobrir os êrros cometidos no passado, para clarificar as questões abordadas e para aplicar a justa linha revolucionária do nosso Partido.

### - Falsas Concepções de Mao Tsétung Sobre a Burguesia -

As concepções de Mao Tsétung sobre a existência a longo têrmo, durante todo o período histórico do socialismo, da burguesia, enquanto classe, são muito perigosos. É totalmente inconcebível, em teoria e também na prática, admitir que o socialismo possa ser edificado e vencer, sem liquidar a burguesia como classe, sem privá-la dos fundamentos de sua dominação como classe.

Enquanto existir a burguesia, e não somente seus remanescentes, não se alcançará a plena vitória da ordem socialista. Pois, a existência da burguesia enquanto classe, pressupõe justamente a existência da exploração do homem pelo homem e da propriedade privada dos meios de produção, qualquer que seja a forma sob a qual se apresente. Mao Tsétung nesta questão envolve-se numa contradição insolúvel. Ele vai até o ponto de sustentar ser possível construir o Socialismo sem liquidar a burguesia como classe; ele tinha em vista a coexistência do proletariado e da burguesia. Na realidade poreém, estas fusd classes são inimigas, uma se ergue contra a outra, desde que surgiram. As contradições entre elas são antagômicas. Após a vitória da revolução, o

proletariado exerce a sua ditadura sob a direção de seu Partido e em comum com os seus aliados, para submeter as classes exploradoras derrubadas, para passar ao ataque contra todas as suas posições, liquidá-las como classe e privá-las de toda a razão de sua existência.

## - A Teoria da Luta Entre as Duas Linhas -

A condição prévia, decisiva, para a vitória da revolução, o estabelecimento da ditadura do proletariado e a construção do socialismo, para a luta em defesa e consolidação da ditadura do proletariado, é o papel dirigente do Partido Marxista-Leninista. E para que o Partido possa cumprir suas tarefas, um dos fatôres principais é a sua férrea unidade ideológica e organizativa. Quando essa unidade não existe, quando no seio do Partido se manifestam correntes fracionistas em linhas opostas, anti-marxistas, surge o perigo de que o Partido pereça, ou de que ele degenere e se torne revisionista. Porisso, não pode ser tolerada a permanência de duas linhas no Partido. Mao Tsétung no entanto, sustenta a tese de que, legitimamente sempre há duas linhas no Partido. Diz mesmo, que a luta entre as duas linhas seria o motor do desenvolvimento do Partido. A opinião de Mao Tsétung, de que a burguesia está dentro do Partido, não se refere somente às condições concretas da China e do PC da China. Segundo os chineses, ela deveria ser compreendida como lei universal.

Sem dúvida é correto reconhecer que existe o perigo da formação de correntes e de linhas opostas, inimigas, no seio do Partido. Mas o surgimento e a formação de tais correntes e linhas não são uma totalidade. Elas podem, como mostra a experiência do Partido do Trabalho da Albânia, serem impedidas, se a luta dentro e fora do Partido fôr conduzida sem interrupções, com métodos revolucionários, contra os inimigos, contra seus pontos-de-vista anti-marxistas, contra as alterações das diretivas, das normas e dos princípios do Partido. Esta luta deve ser realizada inflexivelmente e com todas as suas consequências. É uma luta ideológica, mas ao mesmo tempo política e orgânica. Quando surgem elementos revisionistas inimigos no Partido, eles devem ser expulsos de suas fileiras sem qualquer consideração. Em certos casos é também necessário puní-los proporcinalmente aos seus crimes. Esta é a justa maneira de proceder dos Marxistas-Leninistas. A teoria da luta entre as duas linhas é, ao contrário, uma teoria pôdre, anti-marxista, uma atitude liberal face aos inimigos de classe.

A objeção possível segundo a qual Mao Tsétung teria somente desejado, com sua teoria da linha burguesa no Partido, apontar o perigo da formação de concepções revisionistas no Partido, é uma interpretação sem apoio na realidade. A prática de Mao Tsetung a respeito de inimigos conhecidos do Socialismo mostra com clareza que ele tinha em vista efetivamente, o reconhecimento de uma linha burguesa atuando legalmente no Partido. Nós não censuramos Mao Tsétung por não ter sido identificado, no devido tempo, os inimigos como tais. Isso nem sempre é possivel, e seria falso igualmente combater ca-

da concepção errada como uma linha inimiga. De resto, existem numerosos exemplos no movimento operário internacional de pessoas que no início apoiaram a revolução e que somente mais tarde tornaram-se renegados.

A crítica que se faz a Mao Tsétung, visa mostrar particularmente, que a formação de linhas inimigas no seio do Partido permite a revisionistas comprovados e reconhecidos, continuar a trabalhar nas fileiras partidárias, prática incompatível com o caráter bolchevique de cada Partido Comunista e que conduzirá, finalmente, à destruição do Partido.

- Responsabilidade de Mao Na Teoria dos "3 Mundos"

Nosso Partido tem hoje clara compreensão da pretensa teoria dos "3 Mundos". Nós a combatemos como uma teoria contra-revolucionária e revisionista, em total contradição com os ensinamentos e os princípios do Marxismo-Leninismo. Ela é dirigida contra a luta do proletariado dos países capitalistas, pela revolução proletária e a edificação do Socialismo; e sabota a luta de libertação dos povos oprimidos contra o imperialismo e a reação interna. Nos países socialistas, ela enfraquece e solapa a ditadura do proletariado. Esta teoria foi elaborada pela direção do PC da China, que procurou, por todos os meios, impô-la aos Partidos Marxistas-Leninistas, como a linha geral estratégica.

Os Partidos que aceitaram a teoria revisionista dos "3 Mundos" transformaram-se em Partidos revisionistas, em instrumentos do imperialismo. Como presidente do Partido, Mao Tsétung é responsável pela teoria e pela política fundamental do Partido. A teoria dos "3 Mundos" não teria podido facilmente penetrar no PC da China, se Mao Tsétung, como presidente do Partido, tivesse realizado uma luta firme em defesa dos princípios do Marxismo-Leninismo e do internacionalismo proletário.

A teoria dos "3 Mundos" não foi elaborada somente após a morte de Mao Tsétung. Dela já se encontram as premissas nos anos de 1964/65 e mais tarde em numerosos artigos de Pequim Informa, como também em outros textos oficiais do PC da China.

Mao sustentou muitas vezes a opinião de que os povos em luta contra o inimigo principal, poderia se aliar, numa certa medida, com as potências imperialistas. No X Congresso do PC da China que se realizou em agosto de 1973, sob a presidência de Mao Tsétung, a teoria dos "3 Mundos", sem ser chamada explicitamente por esse nome, era já fundamento do informe principal. A divisão de forças no mundo, que aí se fazia, está conforme com essa teoria. Indica-se por exemplo, nesse informe, abertamente, a possibilidade de uma colaboração com a burguesia, a escala nacional e internacional. Tal documento foi aprovado por unanimidade, com assentimento, pois, de Mao Tsétung.

É Mao Tsétung um clássico do Marxismo-Leninismo? Se resumirmos a pesquisa por nós até aqui realizada, devemos forçosamente concluir que Mao Tsétung não é um clássico do Marxismo-Leninismo. Já hoje estamos em condições de defender e justificar este ponto de vista, mesmo que não possamos ainda

fazer uma apreciação completa da obra de Mao Tsétung.

Mao Tsétung cometeu graves desvios do Marxismo-Leninismo, sobre questões fundamentais e decisivas, e praticou grandes êrros que tiveram consequências práticas numa escala bastante larga. Estes desvios, resumidamente, consistem no fato de que ele não conduziu uma luta consequente contra a burguesia; adotou a respeito da burguesia nacional uma atitude vacilante; justificou, na teoria e na prática, a conservação de elementos burgueses, no Partido; defendeu, através do desenvolvimento ou da adoção da teoria dos "3 Mundos", a colaboração com o imperialismo e seus lacaios, contra a revolução socialista e a luta de libertação dos povos. A evolução revisionista atual da China não deve ser compreendida separada da atividade de Mao Tsétung. Em numerosos casos, quando ele ainda vivia, foram assentados os fundamentos da atual política revisionista.

Se se seguissem os desvios de Mao Tsétung, isto acarretaria graves e fatais consequências para a revolução socialista na Alemanha. A retificação de nossas apreciações anteriores sobre Mao Tsétung tornou-se assim, uma necessidade absoluta, para depurar o Marxismo-Leninismo de todas as teorias e concepções errôneas e anti-marxistas e para alcançar com sucessos, guiado pelos autênticos princípios Marxistas-leninistas, o objetivo de nosso combate - uma Alemanha reunificada, independente e socialista."

———————— // ———— // ————————